

Algumas idéias sobre a relação Educação e Comunicação no âmbito da Saúde

A few ideas on the relation Education and Communication in the field of Health

Ausonia Favorido Donato

Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP.
Instituto da Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.
E-mail: ausonia@colegioequipe.g12.br

Cornélio Pedroso Rosenberg

Professor Adjunto do Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP.
E-mail: cprosen@usp.br

Resumo

O presente artigo discute alguns conceitos acerca da articulação entre Educação e Comunicação no âmbito da Saúde através da discussão de duas experiências educacionais com jovens e adultos. Tem início pela circunscrição do constructo “âmbito da Saúde” não apenas como um locus a partir do qual seja possível localizar fenômenos relacionados à Saúde, mas também como uma instância social e historicamente construída por indivíduos que estabelecem entre si relações de troca e de poder. A partir do elemento social comum, articulam-se os aspectos relacionados à Educação e à Comunicação. Quanto à Comunicação, tencionou-se abordá-la não em sua dimensão midiática *latu senso* mas, sim, a partir de sua condição de produção de sentido social no interior da subjetividade, utilizando para isso alguns conceitos do linguísta russo Mikhail Bakhtin. No tocante à Educação, destacou-se a articulação entre as várias dimensões do processo ensino-aprendizagem, esquematizadas em seus campos de saber. Enfim, pudemos verificar que, ao contrário de uma abordagem eminentemente comunicacional dos problemas de Saúde, a contribuição da relação entre Comunicação e Educação, localizada no âmbito da Saúde, faz questionar uma tendência corrente que privilegia as mídias em detrimento da promoção do sujeito.

Palavras Chave: Saúde; Educação; Comunicação.

“Nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”

Walter Benjamin

Abstract

This article discusses some concepts about the link between Education and Communication in the field of Health through the discussion of two educational experiences with youngsters and adults. It begins with the circumscription of the constructed “field of health” not only as a locus from which it is possible to locate phenomena related to Health but also as a social instance and historically made by individuals who establish among themselves exchange and power relationships. Starting with the common social element, the aspects related to Education and Communication get jointed. As for Communication, we meant to approach it, not by its media dimension *latu sensu* but from its condition to produce a social sense in the heart of subjectivity, and to do so making use of some concepts of the Russian linguist Mikhail Bakhtin. With respect to Education it stayed out the link among the several dimensions of the process teaching-apprenticeship, schematized in its fields of knowledge. At last, we could verify that, unlike an eminently communicational approach to the problems of Health, the contribution of the relation between Communication and Education, situated in the field of Health, makes one question a current tendency that privileges the media in detriment of the graduation of the subject.

Key Words: Health; Education; Communication.

Uma das relações que está longe de se resolver é a da Educação e Comunicação no âmbito da Saúde. Para alguns, as favas parecem já estar contadas. Para outros, como é o nosso caso, há inúmeros problemas a se discutir. O presente artigo tem como propósito apresentar questões que, apesar de não serem novas, tentam resgatar a problematidade existente na articulação entre as concepções que embasam cada um dos saberes envolvidos nessas três áreas do conhecimento humano: Educação, Comunicação e Saúde.

Inicialmente, o construto “âmbito da Saúde”, presente no título, será entendido no texto que se segue como mais do que uma realidade na qual nos deparamos com uma situação de saúde e suas propostas diretas de intervenções. Propomos considerá-lo como uma circunstância constituída histórica e socialmente na qual indivíduos, grupos ou instituições elegem problemas de saúde e propõem respostas sociais para o seu enfrentamento. A diferença entre as duas explicações acima se dá na medida em que, no segundo caso, pode-se inserir o construto “âmbito da saúde” em uma série histórica, isto é, compreender a Saúde como um processo individual e coletivo, assim como uma política¹, ou seja, uma regulação das várias interações que determinam nossa condição de saúde, interações tanto com o meio natural quanto com o social.

Mergulhando na raiz do construto temos o termo *Saúde*, extremamente complexo e difícil de se definir. Ainda assim, podemos arriscar algumas considerações. Saúde, no fundo, representa apenas um nome, atribuído para que se possa explicar, compreender ou conferir valor a algo que é a amplitude do processo da vida.

Tenta ser, portanto, a expressão da vida em determinado instante, momento histórico, lugar e ambiente. Isso significa que a Saúde em si nada mais é do que a expressão dessa condição misteriosa, ou seja, do processo da vida que vivemos e compartilhamos com os outros. Como explicação, institui-se em forma de Ciência, ou seja, em um conjunto organizado de saberes acerca do processo saúde-doença. Como valor, caracteriza um estado (ser saudável ou não segundo parâmetros e critérios estabelecidos socialmente) e um direito (se pensarmos a partir de um pressuposto humanista). Como compreensão, representa o sen-

¹ Entendemos o termo *política* em seu sentido lato e etimológico: tudo aquilo que se refere à vida coletiva. André Lalande. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 822.

tido subjetivo que evocamos ao pensarmos o que é ser saudável ou não.

A Saúde em si depende da condição humana, que se constrói na história das relações sociais. E, da mesma forma que a vida possui um começo, um meio e um fim, a Saúde também segue um mesmo caminho. Assim é que, a partir de uma certa idade, há uma prevalência de processos degenerativos sobre os processos produtivos de novas estruturas vitais. Isso leva o homem a viver etapas diferentes, do nascimento à vida adulta, e desta à velhice, segundo o potencial e as condições de vida de cada um de nós. Entretanto, podemos perceber que esse potencial de vida que cada um traz em si está longe de ser esgotado. Há sempre uma perda. O ideal que se busca dentro da Saúde Pública é, usando para tanto uma série de procedimentos, fazer com que esse potencial tenha o máximo de condições de ser alcançado em sua totalidade.

O processo saúde-doença não depende de uma vontade exclusiva do indivíduo, mas de uma série de relações que determinam as condições de vida dos grupos sociais em que vive, como nos mostra a História da própria humanidade. Observando as diferentes formas de organização social, observamos também, ainda que não seja possível estabelecer um paralelo imediato, diferentes maneiras de se entender o que vem a ser Saúde ou mesmo o que é um estado do ser saudável. Nesse sentido, seria interessante perguntar para um grego do século X a.C., à época de Píndaro, acometido de uma tosse insistente, a razão de seus males bronco-pulmonares. Se dilatarmos *ad nauseam* o que poderíamos entender por Saúde, incorporaríamos oferendas aos deuses como procedimento de cura, pois aí há uma explicação, um valor e uma compreensão, ainda que para muitos de nossos colegas de profissão e pesquisa isso pareça um absurdo.

Há outras situações em que se busca um ganho em qualidade de vida, e isso é um fato histórico. Sabemos que a expectativa de vida antes de 1700 era de quarenta anos. Hoje beira os oitenta. Por que essa mudança? A mudança ocorreu porque começou se a desenvolver meios de investigar as condições estruturais e circunstanciais que fizeram com que as agressões ao potencial humano de saúde pudessem ser amenizadas ou mesmo dirimidas. Com efeito, o desenvolvimento de métodos, medicamentos, ações e pesquisas cumpriram esse papel.

O processo saúde-doença ocorre, enfim, em uma circunstância específica, no território móvel das relações que o indivíduo estabelece com o meio, com a sociedade à qual pertence e consigo próprio. Em última análise, o indivíduo carrega esse território de relações sociais consigo, independentemente de onde vá. A capacidade humana de ampliar seus horizontes, eminentemente a partir do contato com os outros, faz com que a sua própria territorialidade ganhe um aspecto dinâmico. A saúde, acompanhando este indivíduo, também se transforma incessantemente.

Estabelecidos, mesmo que provisoriamente, os alcances do construto “âmbito da Saúde”, encaminhamos o restante do artigo. Devemos recordar que o escopo de nossa discussão tenciona sumarizar as relações entre Educação e Comunicação. Entendido o campo no qual esta relação se dá, acreditamos ser possível elencar algumas idéias e conceitos relacionados ao intercâmbio comunicar-educar.

Primeiro, acreditamos ser a Educação uma prática necessariamente transformadora, na qual os indivíduos e/ou o grupo constituem-se como sujeitos numa relação de troca. Isto significa, mais ou menos, que ninguém aprende de uma forma isolada. A relação deve se dar entre o educador e educando, entre o educando e o conhecimento (cultura) e também entre o educando e os demais educandos. Nesse sentido, o educando se faz sujeito na medida em que compartilha com outros seus pontos de vista, seus saberes, seus anseios, seus temores. Enfim, compartilha tudo aquilo que podemos chamar de sua experiência historicamente constituída.

Em segundo lugar, entendemos que toda comunicação constitui esse mesmo sujeito, através de um processo dialógico². Como diz o lingüista russo M. Bakhtin: *O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações etc.*³

Vale a pena explorarmos um pouco esta afirmação. Esse “auditório social” é formado pela representação internalizada do conjunto de interlocutores com os quais interagimos em nossa experiência de vida. E essa experiência de vida é, nada mais nada menos, que uma particularização dos eventos cujos significados remetem ao todo social, na medida em que é a sociedade internalizada que baliza o sentido pessoal que conferi-

mos às experiências pelas quais passamos. Aqui, portanto, a vida resvala na História: o que é próprio de cada um somente o é, pelo menos em parte, em razão da vivência com os outros. Portanto, somos sujeitos por que vivemos em situação historicamente delimitada.

Uma postura filosófica que subsidia essa interpretação do processo comunicacional ampara-se em um olhar para o mundo social não centrada em um único ponto de vista. Parte do significado decorrente do processo discursivo se dá no trânsito entre a interioridade e a exterioridade do sujeito:

*A expressão comporta, portanto, duas facetas: o conteúdo (interior e sua objetivação exterior para outrem (ou também para si mesmo). Toda teoria da expressão, por mais refinadas e complexas que sejam as formas que ela pode assumir, deve levar em conta, inevitavelmente, essas duas facetas: todo o ato expressivo move-se entre elas. Consequentemente, a teoria da expressão deve admitir que o conteúdo a exprimir pode constituir-se fora da expressão, que ele começa a existir sob uma certa forma, para passar em seguida a uma outra. Pois, se não fosse assim, se o conteúdo a exprimir existisse desde a origem sob a forma de expressão, se houvesse entre o conteúdo e a expressão uma passagem quantitativa (no sentido de um esclarecimento, de uma diferenciação, etc.), então toda a teoria da expressão cairia por terra. A teoria da expressão supõe inevitavelmente um certo dualismo entre o que é interior e o que é exterior(...)*⁴

Podemos afirmar que todo o processo comunicacional multiplica-se dialogicamente. De dentro para fora de sujeitos, ou mesmo de dentro para fora de sistemas comunicacionais, as informações não se constituem a partir de um único ponto de vista. Se em sua individua-

lidade o sujeito carrega em si o coletivo como “auditório social”, toda a *expressão* (que, aqui, pode ser derivada para todo o esforço comunicacional) individual é, necessariamente, social. A imagem do outro é imprescindível como presença que viabiliza o discurso.

Tal afirmação fica bem caracterizada por Jésus Martin Barbero, emérito pesquisador da área de comunicação social, que relata, em um de seus trabalhos, curiosa experiência realizada por profissionais de importante rede colombiana de emissoras de ação popular. A direção de tal rede realizou sua primeira pesquisa entre os camponeses, havendo nela uma pergunta óbvia: “qual programa que vocês ouvem mais, diariamente?” A resposta majoritária foi: a *reza do terço*. Diante de tal resposta, os pesquisadores ficaram desconcertados, pois não podiam explicar como, entre tantos programas educativos e práticos de informação agrícola, de entretenimento, etc, fora a *reza do terço* o que obtivera maior audiência! E, convencidos de que a resposta se devia à falha da pesquisa ou dos entrevistadores, decidiram refazê-la e lançá-la novamente aos camponeses. Mais uma vez, a resposta foi a mesma: o programa preferido dos camponeses era a *reza do terço*. Bastante inquietado, um dos entrevistadores aprofundou as razões da resposta, perguntando diretamente aos camponeses o porquê dessa preferência. E a resposta foi: “porque é o único programa em que podemos responder aos de Bogotá; na *reza do terço*, eles dizem uma parte da Ave Maria e, nós, a outra (Santa Maria, mãe de Deus...)”, é o único programa em que eles não falam sozinhos”⁵. Dizendo de maneira mais simples, toda a ordem comunicativa, toda a enunciação, é determinada por uma “situação social mais imediata”⁶.

2 Cabe esclarecer o uso do termo dialógico. Não se está tratando meramente de uma técnica conversacional ou de evolução temático-discursiva - quer exterior quer interior -, tampouco se tem em vista um sistema de acordos e desacordos capazes de revelar pontos de vista e visões de mundo, nem mesmo pensa-se numa estratégia que costuma encobrir, sob movimentos mais ou menos sutis, o domínio através da linguagem: “O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo.” Mikhail Bakhtin, *Marxismo e filosofia da linguagem*, São Paulo: São Paulo, 1999, pp. 123.

3 Mikhail Bakhtin, op. cit., p. 112.

4 Mikhail Bakhtin, op. cit., p. 111.

5 Para a leitura da análise desta experiência no tocante às relações entre Educação e Comunicação ver Donato A. F - Traçando redes de comunicação: releitura de uma práxis de Educação no contexto da Saúde. pp 41- 45. Para uma tipologia das formas de comunicação e sua relação com a sociedade, consultar também Bezerra de Menezes - *Fundamentos científicos da comunicação*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1978.

6 Mikhail Bakhtin, op. cit., p. 112.

Toda a palavra se dirige a um interlocutor internalizado no próprio sujeito enunciador, ao mesmo tempo em que pode se dirigir a um outro interlocutor externo. Enfim, dialogamos o tempo todo, em processos de interação social, seja com sujeitos fora e nós mesmos, seja com representações de outros que nos constitui como sujeitos. Daí poder afirmar ser a educação, como ação necessariamente interacional, dialógica:

*A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados*⁷.

Somos sujeitos porque vivemos junto a outros sujeitos. Podemos, portanto, inferir que o processo discursivo, no particular, e o processo comunicacional, no geral, ocorrem no momento em que os sujeitos comunicacionais transcendem a simples compreensão lingüística. A troca que ocorre entre sujeitos, no mais simples processo de comunicação, possui um rastro histórico do qual a linguagem é apenas uma parte. Ou seja, por detrás de seu diálogo com o outro, cada sujeito dialoga também com o “auditório social” que carrega em si.

Estabelece-se entre o indivíduo e seu “auditório social” um contínuo diálogo.

Nesse sentido, se pode dizer que não é num extremo ou no outro dessa prosa ininterrupta que se encontra a verdade das coisas, mas passando de cá para lá e de lá para cá o tempo todo. Como nos diz o Professor Adilson Citelli acerca dos enganos inerentes aos sistemas comunicacionais “fechados”:

Na tentativa de escapar desses esquemas binários, em muitos momentos recobertos por uma curiosa retórica dialética, buscamos remeter o debate acerca da circulação discursiva de um modo geral e dos massivos de forma particular para o âmbito do jogo dialogal. Vale dizer, a questão propriamente da produção do sentido passa a ser localizada na metáfora da travessia: nessa perspectiva não há atracadouros seguros, mas instâncias de passagem do ‘entre’ - aque-

*le espaço intervalar que permite apreender a natureza dos procedimentos dialógicos e interativos*⁸.

Aqui surgem as primeiras perguntas: não seria esta uma outra forma de descrever o ato educacional? Não seria função da Educação transportar este conjunto de referências externas que são compartilhadas entre os sujeitos comunicacionais para dentro do indivíduo, desestabilizando seu repertório valorativo, cognitivo e motivacional? Não seria esta conjunção necessária entre Comunicação e Educação uma das formas pelas quais nos transformamos em indivíduos capazes de, com novos conhecimentos adquiridos e compartilhados, pensar a transformação da realidade que nos cerca? E por fim: não seria esta forma de pensar a Comunicação e a Educação um exercício de democracia?

Mas ainda temos um terceiro ponto a discutir: o que significa pensarmos a Educação e a Comunicação, como foram expostas acima, no âmbito da Saúde?

A fim de que se possam levantar algumas hipóteses para o questionamento feito anteriormente, vamos descrever sucintamente duas situações nas quais problemas relativos à Educação e à Comunicação ganham um contorno decisivo no campo da Saúde. A primeira delas ocorreu por conta de um convite feito pelo Dr. Eugenio Vilaça Mendes para discutirmos junto aos profissionais de saúde da região de Baturité, no Estado do Ceará, processos relativos à constituição de uma micro-região de serviços de saúde⁹. Mais especificamente, a proposta foi a de resgatarmos o valor da solidariedade como eixo articulador das ações e decisões coletivas relativas às situações e intervenções locais no campo da saúde.

Todo o processo teve que equilibrar duas exigências: uma de caráter educacional, pois se tratava de uma das dimensões fundamentais da aprendizagem que são os valores; outra de caráter comunicacional, uma vez que era necessário constituir um grupo que dialogasse sobre suas próprias necessidades e a partir daí construísse a identidade de sua rede.

7 Essa afirmação de Paulo Freire encontra-se no livro *Extensão ou Comunicação?*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, p. 69. Em outro livro *Educação como Prática da Liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, Paulo Freire relaciona questões de Educação e Comunicação por compreender a Formação da Sociedade Brasileira: “O Brasil nasceu e cresceu sem a experiência do diálogo”. p. 66.

8 Adilson Citelli. *Comunicação e Educação - A linguagem em movimento*. São Paulo. Editora SENAC. São Paulo, 2000.

9 Esta experiência fez parte de um convênio do Governo Brasileiro com o Department for International Development do Reino Unido (DIFD) para a implantação de um sistema micro-regional de serviços de saúde na microrregião do maciço do Baturité, a partir de uma experiência da Escola de Saúde de Minas Gerais, em 1997-98.

Para que se aprofundasse o conceito de rede que sustentaria o sistema de micro-região de serviços de saúde, propusemos que, naquele momento, os participantes da oficina devessem experimentar a construção de uma *Rede Solidária*, trazendo elementos que caracterizassem cada uma de suas cidades para que, a partir de então, pudéssemos chegar num objeto ou imagem que condensasse as características maiores daqueles grupos populacionais. A variedade de elementos trazidos foi notável, de músicas regionais, passando por costumes alimentares e chegando em festividades. Contudo, o objeto-síntese que, no entender de todos, melhor definiria o espírito regional foi, metalingüisticamente, a própria *rede*.

Foi justamente o objeto rede, com seus múltiplos usos, que se repetiu em muitos dos relatos. Nesse objeto se depositava uma gama enorme de sentimentos e experiências de vida das populações de cada uma das oito cidades que iriam compor o sistema de micro-região de serviços de saúde, do acalanto da criança embalada pela mãe ao uso da rede como invólucro de seus mortos. As várias *redes*, portanto, se entrelaçavam: a rede-objeto, a rede-sistema e a rede-solidária. Entrelaçavam-se, também, o esforço comunicacional entre os participantes da oficina na constituição de sua identidade de grupo, a partir do repertório do conhecimento social que funcionou como pré-requisito para a aprendizagem do próprio conceito de micro-região de saúde.

A segunda situação ocorreu num trabalho realizado com jovens por ocasião do 1º Encontro Paulista de Adolescentes (EPA¹⁰). Note-se que, se o caso relatado acima se referiu a uma experiência de Educação e Comunicação entre adultos, este segundo tratará de resgatar o diálogo interessante que diversas “tribos” de jovens tiveram entre si em nome da promoção da saúde de si próprios e das comunidades às quais pertenciam.

Se, no caso do Ceará, o movimento foi o de estabelecermos uma identidade comum a partir do resgate da semelhança profunda entre os municípios que se sentiam apartados, agora caberia-nos problematizar

com cada grupo de adolescentes como se pode, sem descaracterizar-se, instituir ramais de comunicação com aquilo que nos possa parecer diferente, desde que haja um objetivo maior em jogo. A maneira de falar, de vestir, a gestualidade, as preferências musicais e estéticas, enfim, tudo aquilo que faz com que o indivíduo seja visto na coletividade de seu grupo, foram fatores preponderantes no jogo dialógico praticado na oficina. A idéia central, enfim, não era de maneira nenhuma adequar costumes. Muito pelo contrário. Foi fazer com que das diferenças brotasse o valor maior que era o da solidariedade associada à responsabilidade social de cada um.

Solidariedade: este foi o valor que também permeou nosso trabalho junto aos profissionais da saúde no Ceará.

A proposta de trabalho também foi basicamente a mesma: educacionalmente, o conhecimento acerca das questões da prevenção da AIDS, da vulnerabilidade dos jovens, da sexualidade permeada pela confiança e afetividade, foi o possibilitador de uma mudança mais profunda. Nosso objetivo, nesse caso, era discutir a vida, do mesmo modo que o resgate de uma matriz de identidade profunda pode reatar os veios de comunicação e interação entre pequenas cidades cearenses no sentido de estabelecer uma política de saúde compartilhada, ou seja, uma *Rede* de ações e intenções.

Sumarizando, o saber (a problemática bio-psico-social da AIDS; o conceito de micro-região de serviços de saúde) articulou-se ao saber ser (a responsabilidade social, a solidariedade, a afetividade, a aceitação das diferenças, a procura de semelhanças), ao saber fazer (a articulação de grupos multiplicadores de informação, nas comunidades às quais cada um dos grupos pertencia) e ao saber conviver em razão de um princípio mais amplo e valoroso que é a Vida, mistério que ocupa o cerne das discussões sobre o que é Saúde.

Quanto à dimensão comunicacional, tratamos de problematizar nas duas experiências a necessária recusa de perspectivas hegemônicas no encaminhamen-

¹⁰ Este evento ocorreu no contexto do Seminário Adolescência e Vulnerabilidade, promovido pelo GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa sobre Orientação Sexual), entidade não-governamental que mantinha convênio com o Ministério da Saúde. O objetivo maior da proposta foi o de trabalhar com a construção de sujeitos que se apropriassem de instrumentos para o enfrentamento de problemas relacionados à DST-AIDS. Mais tarde, o Projeto Trance essa Rede, que englobava estas e outras iniciativas, ampliou suas ações para além do trabalho com prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis em adolescentes. O I Encontro Paulista de Adolescentes ocorreu em 1998.

to de aspectos fundamentais para a sociedade como um todo. Foi o diálogo que permitiu encontrarmos soluções para a desarticulação e o estranhamento. Afirmamos nosso compromisso com uma perspectiva democrática ao dar voz e vez àquele que inicialmente poderia ser considerado diferente.

De forma diretiva, intencional e planejada, criamos situações de ensino-aprendizagem nas quais os grupos de trabalho, e mesmo os indivíduos, dialogassem com seu “auditório social”. A partir disso, entender o outro na sua diferença não era recusar o outro na sua humanidade. Vendo por um outro lado, podemos concluir que as diferenças entre os grupos de adolescentes (rappers, pagodeiros, grungies, a galera do funk, os metaleiros, os bicho-grilos etc.), assim como as diferenças entre os municípios das cidades na região de Baturité, repousam nas várias formas de expressão possíveis que nos identificam. Mas, o que é expressão? Recorremos novamente a M. Bakhtin:

*(Expressão) é tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo (podemos incluir aqui grupos), exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores.*¹¹

As formas de expressão não podem isolar os indivíduos, grupos ou comunidades. Há valores que são intercambiáveis. E é apenas através do exercício do diálogo/dialogismo que podemos superar nossas diferenças de expressão a fim de transformarmos coletivamente o mundo que nos cerca. E não seria esta uma outra forma de entender Educação?

À guisa de conclusão, ainda que parcial, destacaremos algumas idéias:

- A comunicação interpessoal é um poderoso instrumento de aprendizagem e, portanto, de transformação, seja do indivíduo seja da sociedade na qual este está inserido;
- A troca interpessoal nunca é ahistórica; pelo contrário, dimensiona o sujeito como agente de transformação de sua história e das histórias de outros;
- Um possível grande articulador da relação entre Comunicação e Educação, em qualquer âmbito, inclusive no da Saúde, são os valores humanos que permeiam cada uma dessas atividades sociais.

Aliás, nada melhor do que concluirmos este artigo com um poema que, no nosso entender, sintetiza muitas das idéias que apontamos aqui. Trata-se de “noticiário vivo” de Carlos Drummond de Andrade. Nota-se que a servente que vai de sua casa para o trabalho capta as informações mais singulares do mundo que a cerca. O que regula sua percepção nada mais é do que tudo aquilo que aprendeu em sua vida. E, a partir disso dialoga com os outros.

Noticiário Vivo

A servente da escola mora no Campestre,
longe, sai de casa sem café.
Desce ladeira, vai parando,
assuntando o que se passa na Rua de Santana
e em toda a parte.
Última estação: aqui em casa.
Toma café reforçado, conta
o que há ou não há ou pode haver
sob as telhas escuras da cidade.
Conta naturalmente, sem malícia,
jornal falado das nove horas.
E ao serviço, antes que toque
a sineta irrevogável de Mestre Emílio.
Ficamos sabendo de tudo de todos.
Ficarão sabendo tudo de nós,
amanhã, de manhã,
na Rua de Santana e em qualquer parte?¹²

A servente da escola é o “jornal falado” da cidade. Dentro dela habita a vida toda da comunidade, naturalmente, “sem malícia”, em um grande e contínuo relato que é, em síntese, a história da vida social daquelas pessoas. Em sua expressão simples, verificamos a eficácia de todo o processo comunicacional. De sua fala brotam as pessoas reais que compõem um universo mais amplo de referências. Brota o “auditório social”. Todos ficam sabendo o que se passa com todos, compondo-se, assim, uma rede comunitária a partir da qual se constitui, inclusive, a própria identidade coletiva. Embaixo “das telhas escuras da cidade”, no interior de cada moradia, e até mesmo na profundidade de cada um, algo pode ser compartilhado.

Desta imagem da servente que mora na rua Campestre chegando à escola onde trabalha e atualizando a todos com as “notícias” que fora assuntando aqui e

¹¹ Op cit., p. 11.

¹² Andrade, Carlos Drummond de. Boitempo in: *Poesia e Prosa* (volume único). Rio de Janeiro: Aguilar, 1988, pp 633 - 634.

ali, prática que anedoticamente remete à fofoca descompromissada e ingênua, é possível derivarmos toda uma teoria sobre as relações entre comunicação e educação, entranhada na vivência descrita pela poesia.

Por dizer da Vida de maneira a não descarná-la de seu mistério, toda a leitura de poema é sempre um recomeço. Afinal de contas, as favas não estão contadas.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, C. D. de. *Boitempo: poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1988. p. 633-4.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: YFPR, 1999. p. 21-42.
- BEZERRA DE MENEZES, E. D. *Fundamentos científicos da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CITELLI, A. O. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: Senac, 2000.
- CITELLI, A. O. *Os sentidos em movimento: comunicação, linguagem e escola*. São Paulo, 1998. Tese (Livre Docência em Comunicações e Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- DONATO, A. F. *Trançando redes de comunicação: releitura de uma práxis de educação no contexto da saúde*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- FREIRE, P. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, M. W. de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Recebido em: 11/09/2003

Aprovado em: 01/12/2003